

ABOLIÇÃO DOS SENTIDOS

Livro 42

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



AOS ENSAIOS

Escrever ensaios fortalece o desejo ardente, desapropria a tristeza que fica sem ter onde se esconder. Neles se arquitetam novas paixões, descobertas nos lugares mais inauditos. Chamam de volta a imaginação. Assim, as mágoas caem por terra. Descobre-se as maravilhas do cotidiano, como escândalo de um amanhecer, o cheiro dos jasmims pelos canteiros que ousaram ficar por perto. Recolhe-se os arquivos mortos sem violar as leis fundamentais, arranca-se a melancolia do seu crônico lugar e se anima o passado a fazer-se outra vez presente, alimenta-se o desejo de novamente viver.



FAZER ENSAIOS

Fazer ensaios é arremessar sonhos, andar aos trancos e barrancos contra a maré, mesmo que lágrimas irrompam e se precipitem enfurecidas contra o papel. As palavras brotam, partem para lugares ignorados até que se lhes destine onde cada uma deverá ficar. Atiradas como surpresa, deverão roçar o incomum para desandar em arrepios, saudades, intrigas e enredos.

DESMANCHE

Reduzem-se os ossos, adaptando-se ao fim. De posse do tempo, contestam as grandezas com uma desordem métrica. Abandonam a improvisação para cumprir seu destino. Nessa nova e constante ordem de coisas, se aprumam, edificam novos espaços, refazem interesses, comidas, gentes. Tumultuam-se os desejos não cumpridos que se acotovelam no estreito e agitado caminho. À flor da pele, esses desejos fazem a prosa maior que o feito, revivem mais do que vivem, reforçam o significado dos pequenos gestos, das poucas palavras. Forjam insistentemente, sem fogo, pedem pequenos favores, esfriam e aquecem facilmente, absorvem tudo o que se lhes permite. Buscam sempre uma acolhida, dilatam as horas fugindo da derradeira. De nada lhes serve a aflição. No corpo do tempo, desaparece o viço e ele converte-se em extremos, onde falha a fé. Qualquer valor nunca o alcança, e ele regula o próximo passo como se andasse no precipício. Fala em voz baixa, emprega todos os recursos em cada ação, espera o súbito e a surpresa sem alardes, com um olho admirando, com o outro condenando. O corpo do tempo quase não confia. Bebe a água em pequenas e deliciosas poções, adormece por falta de estímulos melhores, remedia

o mal com a falta de memória atual, tornando-se benemérito do resgate; vencido pela saudade, afrouxa o rigor, remoça o antigo romance, cala-se em surdas revoltas. Como um recurso providencial, renuncia aos afetos não ofertados. Frequenta o dia como um objeto desprestigiado, repara que dele se despedem com ares definitivos. Posto como um complemento familiar repassa histórias, recupera memórias, repasta as joviais peripécias para repercutir e tornar a repor o passado, pelo tempo demolido.



PROPOSIÇÕES

Proponho-me esperar o futuro sem alardes, alarmes, sustos, medos. Mas acatar, simplesmente, refuto. Quero participar, incluir prudência, valor, direito, opinião, as providências que me forem mais convenientes, manter-me longe da provocação, da corrupção, do hospital, do tribunal. Publicar no papel, que faço minha tribuna, todo o amor e o ódio que viver me causa.

Proponho que cuidem das pessoas como se propõem a

cuidar do capital, da floresta, do ar. Tornar pura e longa a infância, que teme a extinção. Preparar os humanos para viver mais, e ao mundo, para recebê-los digna e merecidamente.

Proponho que os juízes de todos os tribunais paguem as consequências de suas desastrosas e onipotentes decisões, que se lhes obrigue a pagar as mesmas penas sofridas pelos inocentes mal julgados, que se os responsabilize pelo cuidado e pela manutenção dos mesmos enquanto vivam. Que o habeas corpus se aplique justa e somente aos que habemus anima. Que o infrator saia de campo junto com o jogador atingido. Proponho que os poderes públicos sejam públicos. Proponho a criação e distribuição equitativa de vagas prisionais entre ricos e pobres. Que as religiões paguem impostos normais e adicionais como pena pelos vícios e ilusões manipulados e alimentados. Que os laboratórios indenizem todos os efeitos secundários causados pelos medicamentos e seja obrigatório ao político o registro cartorial de suas promessas de campanha.

Proponho à Europa e aos Estados Unidos da América do Norte uma taxa de devolução pelos bens roubados da América Latina, Oriente, Ásia, Médio Oriente e África, assim como uma multa pelo extermínio das populações no passado e no presente. Taxa extensiva às invasões e

ao sequestro territorial. O mesmo tratamento punitivo a todos os tipos de terrorismo, inclusive ao terrorismo de Estado.

Proponho que em todos os meios que as pessoas frequentam, elas sejam priorizadas como valor máximo, acima do lucro, do dinheiro, do poder, da ganância, da acumulação e de qualquer outro bem móvel ou imóvel. Proponho a prática do amor e a rescisão dos pactos que alimentam lutas e injustiças. Reaver o direito de cerzir as forças perdidas.

Por ora tenho nas mãos uma delicada, triste e constante razão para adentrar alguns segredos. Nunca ousei perguntar miudezas da vida particular. Pela grande afeição, penso no grande risco que corro, vagueando e insistindo em tirar o sossego do passado.

PROVAS

É necessário que se leiam, e vejam marcadas as letras, estilizadas, letras que dizem e contam e promovam sorrisos, porque transmitem o que não se pode dizer pela voz, então pelas letras se prove cada centímetro como um arqueólogo que redescobre um tesouro, como mago que escreve um novo feitiço, como músico que escreve uma nova nota, como poeta que explora em um novo verso, como cozinheiro inventando uma receita, como astrônomo na busca da estrela, como um simples mortal que busca novas sensações, como tudo o que se queira.

Será a letra que comece a traduzir o que coração dita, o que a alma voa para dizer e o que todas as células sentem. Vão dizer o que falta, dessas faltas que ficam escritas no olhar que atravessa até o coração e que sem pedir licença se instalam e para quem enfeitiça, provocam saudades. Escrever contos que contarão o que faz falta, essas faltas que consomem.

E de que valem essas letras? Os silêncios, as saudades, estreiam palavras nos silêncios, substituem os atos e preenchem as páginas em branco, dizem em voz alta e deixam sobre o papel o que as máquinas apenas

podem memorizar, porque lhes faltam os afetos, as lembranças.

Nunca se sabe em que lugares buscar, há que se dispor a encontrar, abrir as bibliotecas, varrer os pós, cavar, escavar, buscar nas novelas, nos contos, nos dicionários, nos porões, nos baús, nas memórias, como memoriais, como biografias e ensaios, porém sempre com palavras que lhes darão vida e sentido, e ressuscitem a inibição de quem não pode ou não sabe dizer.

Feito reféns, cativos da ausência de símbolos, os humanos necessitam de intermediários para dar-lhes outras formas de existência, a tirar-lhes da solidão do silêncio com palavras ou com signos, manifestadas de mil formas em cores ou sons que substituam as pás e desenterrem suas limitações. Sempre haverá alguma escuridão que não ilumine e não ensine a ler, porque para sabê-lo não basta entender das letras, mas de compreendê-las e senti-las, de reutilizá-las e de com elas construir-se cartas de amor ou de intenções, com elas, criar identidades ou encerrar inquéritos.

GRATO EXÍLIO

Em torno de ti encontro o caminho para chegar definitivamente ao lugar pretendido. Dá-me teu tempo, ele será meu apoio. Espreitarei e protegerei os caminhos por onde andares em teus passeios. Jamais cessarão meus anseios em privilegiar o que me digas como tua necessidade. Declaro ser meu propósito ajustar-me a conhecer teu idioma, o tamanho da tua sede e a carícia que te dê a paz e te faça dormir.

Contigo volto ao um mundo novo. É tanto o que tenho a viver contigo que me exilarei do mundo para dormirmos corpo a corpo.



TEUS OLHOS

Os olhos são uma via por excelência do amor. Eles iluminam mesmo, praticamente sós, uma fisionomia até então deserta.

CICLO AMBIVALENTE

Tantos desacordos, grande acúmulo de desentendimentos. Inexistentes os interesses de um encontro. A falta de lugar e vontade desafiam as margens de negociação. O desequilíbrio entre as barreiras de oposição e as tentativas de extroversão ficam atravessadas pela falta de intimidade e pelo excesso de proibição. Parece que as conquistas são propositadamente mal construídas para não prosperarem. Seu ciclo ambivalente alimenta-se dos seus próprios limites, e sua presença é um desafio à prudência e ao amor. Quando a união cai em descrédito, condena-se ao fracasso.



A TRISTEZA

Toda tristeza é lenta, contínua e onerosa. Apresenta-se como uma velha senhora exigindo respeito, limitando atos, determinando ordens e acabando com privilégios. Todos temem mexer com a tristeza e com os tristes, que

escondem uma fortaleza por detrás de uma fragilidade. A cada dia, a tristeza desenvolve uma nova moral para confirmar sua vocação de articular os sentimentos de todos. Ela, a tristeza, nem sempre é triste; às vezes ela se faz anônima, desistente, desesperançosa. Acaba com a condução do amor, dirige mal as paixões, prega a ruptura, promove a perda, ganha credibilidade disfarçada de realidade. É fonte de poder, calcula o eixo que orienta a ingenuidade. Manipula como se zelasse por grandes virtudes, finge respeitar a alegria, acaba com a privacidade, exaltando o egoísmo que quase sempre a acompanha. A tristeza define a vida como árida, afirma que o amor é uma doença, faz movimentos de anulação, forma insuficiências, valida os piores, enaltece o desperdício, predispõe um enamoramento com a morte e com o risco. A tristeza interpreta uma versão que junta os temores e as falências, coopera com a ruína, demite pais e filhos de suas funções, cria guerra entre gêneros, mantém morta a afabilidade e demite a gentileza. Estimula o pouco caso, e para manter-se viva, ilude aos que a adotaram, os faz tomar medicamentos que alimentam o disfarce. Assim, ela se perpetua mantendo conquistado seu direito de ser nociva.

A FUGA DA VONTADE

Minha vontade ganhou independência, fugiu de casa, se escondeu. Não me avisou que ia partir, desceu a rua, dobrou a esquina e desapareceu. Depois que fiquei sem minha vontade, ficou mais difícil sair da cama, trabalhar, tolerar os gritos que furam meus ouvidos, conviver com os que temem pessoas, os que evitam escutar, os que fingem não ver a carga da minha mochila, o peso do níquel no bolso e a dor da última queda. Meu joelho esfolado testemunha a inabilidade que me invadiu desde que a minha vontade desapareceu. Qualquer pista, avisem-me, sua saída intempestiva foi uma grande perda para mim. Fiquei imprestável sem a vontade de qualquer coisa que não sei fazer sem a vontade por perto. Embora a use sempre, não sabia que sua ausência me atrapalharia tanto ao fazer essas coisas simples que não consigo fazer sem ela. Não posso gritar sem a vontade de gritar, não posso chorar sem a vontade de chorar, não posso pedir para ela voltar sem a vontade de pedir.

Por causa de tantas faltas de vontade, fiquei sem som, sem gosto, sem rumo, sem véspera, sem portas para entrar.

ATÉ O PRÓXIMO DIA

Só me ficou uma esperança imóvel, uma anulação fora de prazo, uma viagem não realizada, uma força de vontade sem definição, um rosto anônimo, um sorriso nobre e servil, uma simples, poderosa e ocultada paciência. Tudo feito carne, osso, e nervo, nomeado para não passar em branco.

O dia entra de forma inesperada, reclamando-me com justificada raiva esse ritual de anular-me antes do tempo. Ninguém me explica as surpresas, as decepções não têm importância, pertencem ao previsível, são variantes que convém esperar. O compromisso maior será ter a curiosidade de conhecer o próximo desconhecido, olhar a solidão de frente e dar-lhe um nome e uma cara para humanizá-la até a última penúria de hoje.

Ficam proibidos: a queixa, o mau humor, afrouxar no meio da luta. Há que ocupar-me da luz do dia, parar de mentir a mim mesmo, porque estes jamais serão o último pranto, o último livro, o último vinho; afinal, são acessórios, ainda que minhas eternas companhias, aquelas que me convencem a anunciar que começo um novo dia.

ELA

Ela está ali, ela me olha, me espreita com um poder que visa me surpreender. Sua inesgotável capacidade de encantar-me rapidamente se instala e permanece em um jogo sem palavras. Fiz votos para que isso não mais acontecesse, pelo menos com o vigor com que ela sustenta sua intenção e o abalo que isso me provoca. Finge que sou seu sol, ainda que eu não a ilumine; me sorri como se acolhesse a ternura que lhe oferto, sei que isso é uma mentira. Perco o rumo, altero o roteiro e acabo no desconcerto, inventando um encontro.

Tento reinserir uma adaptação que me faça parecer natural e se apresente útil como uma saída. Repenso todas as tendências, disponho de uma vontade sempre insuficiente para ser suporte. Para seguir junto dela sem despertar suspeitas, grito toda a admiração, pronuncio toda decisão que persiste em mim – a vontade de tê-la perto. Arrasto meu desejo em sua direção. Meu gesto não é uma resposta, é uma reiterada intenção.

Sem nenhuma preocupação de ocultar, exponho o abalo que deixa nesse lugar cada vez que ela apenas me olha. Ali se desfaz todo frágil equilíbrio, fica uma alusão que me possui.

Acabados os prazeres inocentes, permaneço emocionado, respiro seu ar, ela é meu vício, seu olhar

voa até amanhã nas suas insinuações. Ela, a esperança, finca no meu futuro um consolo para meu arsenal de recursos.



ENTRE SUB-MUNDOS

Nesta época sem privilégios, escapo do tempo da forma que melhor me convenha. Será preciso esperar até que uma história ou outra invada a minha com pretensões de mudanças. Caso isso aconteça, exercerei uma sensata fuga das armadilhas deste (sub) mundo que nos governa.

Apareço e desapareço nos lugares onde, às vezes, tenho entrada livre, embora em outras tenha o acesso vedado. Já não filtro as pegadas. O farol manipulado por piratas me joga contra as pedras, não posso favorecer-me dos meus sentidos, eles fluem noutra dimensão. Tudo aquilo que era o mundo em que eu vivia, hoje oscila entre o submundo rico e o submundo pobre, colunas entre as quais me escondo. Já não faço nascer em mim perguntas, esqueci respostas. Apago a luz.

FEIXE DE GUARDADOS

Quando chega a noite, o ocaso inevitável descobre-me recitando velhos poemas, feito receitas que inventaram a saudade como um jeito de reeditar as coisas nas quais acredito. Falam do amor como um poder que comove. Nesse feixe de guardados incluo revelações, serenatas, poesias sem rima, promessas, intenções prolongadas, vontade de dar certo, crença nos vínculos, uma ordem necessária e enlouquecida, a paixão desmedida, e, ainda por cima, desabafos, confissões, declarações, pronunciamentos, ciúmes sem limites, motivação para inovar. Sem saber se para sofrer ou ser feliz.



EU E A VIDA

A vida não está em outra parte, ela me olha de fora silenciosa, não pode deixar-me ignorado, me acompanha como parte da minha composição, aceita desprezos, esquecimentos, solidão, nada reivindica, já que estabelece quem sou. Original e sigilosa, não se altera. Não faz nenhuma menção da sua importância nem me alerta dos riscos; dá-me a chance da ampliação

para tentar a sua extensão. Recusa a farsa por não sobreviver a ela. Por ser atemporal, nunca é nostálgica, está em todos os tempos e se esforça para ser boa companhia. Encolhe-se e se acentua em posição e oposição, insuflada por minhas ações; farta, nunca se queixa, oculta-se na minha pele, circula no meu sangue, bombeia meu desejo, permite o avanço, aceita a evocação, assiste à perturbação dos sentidos, tem um ventre amplo e profundo, concebe, é origem e destino, magnifica o amor que nela se esgota de tanto amar. Original e inocente, disposta à obediência da voz e do ato, está ligada às raízes, ponto de partida, até o ponto de chegada, na alegria e na tristeza, na inocência e na culpa, até que venha a obra final.



ESSA DOR

Que dor é essa que me invade sem aviso, intrometendo-se na minha paz? Como parar esse sentir se ela invade meu peito, escorre pelos meus olhos e funciona como sentinela avançado de tudo o que propositadamente me esqueço? Reinvento um novo sentido para essa dor que me acompanha. É uma dor alheia que adoto como

se fosse minha, faz-se tão carne que quase a confundo comigo. Adoto uma covardia que me esconde dos enfrentamentos, dos injustos castigos que dilaceram e me exaurem. Estanco os enlouquecimentos que tal dor é capaz de produzir em mim. Essa dor que desembarca na minha vida e acompanha meu existir. Espaçosa como toda dor, ela me ocupa, usa minha privacidade, desenterra minha indiferença, faz ressoar o gemido que a acompanha, derrubando minha frágil e insustentável coragem.

Decreto luto, igualo as perdas, invento desculpas e fugas para não mais me espantar, tento persuadir-me de que essa dor não é universal, invento que muitos não a sentem. Cansado de tanto doer, meu corpo me cala o discurso e se deixa levar pelo sofrimento. Uma lei me condenou a sofrer em meu canto.



QUANDO EU ERA CRIANÇA

Quando criança, a fragilidade me fazia confundir nomes, identidades e a localização no mundo.

As esperas me traziam uma espontaneidade dando lugar prioritário à toda alegria que em intimidades

era a personagem principal, atuando viva, ávida. Interpelando a dúvida e a incerteza eu criava resistências à tristeza disfarçada de realidade, de prudência e de perigo. Convivendo com oposições sistemáticas foi aquele um bem estar que incomodou, que neutralizou as ofensas e administrou adversidades. Aquela alegria adornou o risco avaliado dissipando nela o medo investido. Não faltaram esforços para que eu perdesse de vista a promoção do prazer, poucas vezes senti falta da censura que me proibia rir. Embora já tenha ocultado esse sentir do meu riso, ele era ponte de ingresso social.

Menti a respeito do meu próprio sentimento acreditando mitigar a inveja.

Brinquei com o meu melhor bom humor que enaltece porque vivendo faz tanto tempo ele me dá rendimentos próprios, me vincula ao viver com rumo, com meta e com afeto.

Sigo levando comigo, de um lugar para o outro, uma vaga lembrança de haver sido amado incondicionalmente, remotas sensações que me transportam para quando eu tinha apenas um sorriso e um engatinhar. Transportando-me ao passado remonto algumas cenas em que alguma sensibilidade me levava a guardá-las como reféns

Se eu tivesse o propósito de cuidar de tudo o que deixei

no passado, trataria com minhas desconfianças, meus medos, meus erros, minhas eternas e irrecuperáveis saudades daquele simples viver, não se tratava de algo especial, tornava-se importante porque era um cuidado agradável de se receber, carinhos corporais e torrentes de olhares carinhosos.

Vi-me enroscado num espeto, devorava um pedaço de churrasco. Seguiu-se daquele lugar, um cortejo de bons antecedentes orbitando meu destino. Vários personagens de quem já falei, escrevi, estão anexados a mim desde quando eu era criança. Vou por diversas partes ao mesmo tempo, vivo por todos eles, com eles, não reparo que eles me seguem, recuperei os amigos que deixei por lá. Nada substitui por coisa nova, refeitas as contas apenas me recordo que aos primeiros resgates me ponho lentamente a chorar de saudades.



A LINGUAGEM DAS PALAVRAS DISCRETAS

Meus silêncios guardam palavras renunciadas. Voltado a cuidar dos assuntos relevantes, torno as palavras discretas, último ato onde recordo o passado. Dispus cumprir com uma escuta em igual ordem, me acerquei

do que me anima, reparti os afetos mais favoráveis. Evitei apagar vestígios, quero me animar, fazer da alegria algo mais do que passageira.



AS PALAVRAS QUE FALAM POR MIM

Algumas vezes, busco tirar das palavras o afeto que nelas carrego, liberto do papel fechado os meus sentimentos ocasionalmente distribuídos. Corro um risco avaliado dizendo o que outros sentem sem se exporem. Sou pretensamente inventor do meu destino. Animo a palavra, provocando-a para que dance e cante.

Tento sempre da próxima vez chegar mais, o suficiente para marcarmos novos encontros, ainda que seja uma página a mais, melhor se forem tantas quantas alcancei escrever. As palavras são declarações da minha imensa vontade de viver. Elas falam dos meus muitos eus, de tantas outras vontades que são declarações, notas de encontros, das belezas vistas e encontradas, das desculpas omitidas, das reparações, dos acertos, das convicções sobretudo confissões de despedidas que nunca tive coragem de realizar.

Roberto Curi Hallal

